

GUGA CHACRA



f gugachacra @gugachacra gugachacra
internacio@oglobo.com.br



O medo de Trump retornar ao poder

Se me perguntarem hoje o que pode acontecer nos próximos três anos, diria que há uma enorme possibilidade de Donald Trump voltar a ser presidente dos EUA e de os republicanos dominarem a Câmara e o Senado. Acho também que a democracia americana não estará apenas em declínio, como na prática pode deixar de existir. O país não se tornará uma di-

tadura, mas corre sério risco de se transformar em algo próximo de uma autocracia como a Hungria de Orbán e a Turquia de Erdogan. Algumas instituições, como a imprensa e a Justiça, ainda funcionarão, mas serão incapazes de conter o regime trumpista.

Pode parecer absurdo esse cenário em um momento em que Trump sumiu das mídias sociais e ficamos sabendo da sua existência apenas em comentários em lutas de boxe e livros sobre o seu governo. Mas este sentimento de que ele retornará tem crescido entre analistas. Em artigo na prestigiada revista *The Atlantic*, David Frum, que trabalhou na administração de George W. Bush, afirma que talvez Trump sequer precise roubar em 2024 para vencer, como tentou e fracassou no ano passado. No *Financial Times*, o principal articulista do jornal, Martin Wolf, fala da estranha morte da democracia americana, vendo também riscos de um retorno do ex-presidente ainda mais forte.

Robert Kagan, no *Washington Post*, é ainda mais enfático ao afirmar que os “EUA rumam para a sua mais grave crise constitucional desde a Guerra Civil, com uma chance razoável de in-

cidentes de violência em massa, quebra da autoridade federal e divisão do país entre enclaves vermelhos (republicanos) e azuis (democrata)”. É certo, na visão dele, que Trump será o candidato republicano em 2024. Além disso, o ex-presidente, junto com o partido, usará todos os “meios necessários” para garantir a vitória. Isso inclui, obviamente, tentativas de golpe.

Sabemos, portanto, que será quase inevitável que Trump tentará voltar para a Casa Branca. Conforme escreveu Wolf, hoje o Partido Republicano não é mais definido por ideologia, e sim por lealdade a Trump. Seus principais políticos são covardes, como os senadores Marco Rubio e Ted Cruz. Não enfrentarão o ex-presidente em uma primária. O único nome mais conhecido com valores democráticos é Mitt Romney. Sua chance de derrotar o trumpismo nas prévias deve estar próxima de zero — e ele sequer cogita essa possibilidade.

Sabemos também que o Partido Republicano já começou a se organizar para reverter o resultado das urnas caso Trump venha a ser derrotado novamente. Dessa vez, como escreveram os autores acima, não será de forma amadora. Estarão preparados, ainda que não seja respeitando a democracia. Não podemos esquecer que o ex-presidente tentou ao máximo impedir a posse de Joe Biden. Falamos de uma figura não democrática, que sonha ser um autocrata, além de ser tratado como uma espécie de “messias” por seus seguidores.

Se não bastasse o Partido Republicano ter virado um movimento messiânico, extremista, os democratas estão enfraquecidos. Biden vê sua popularidade despencar. Pode ficar inviável como candidato em 2024, aos 82 anos. E a vice Kamala Harris? Sumiu. Não se tornou ainda a líder que muitos esperavam. Talvez cresça em três anos e seja a salvação dos democratas. Mas seria bom ter uma alternativa. O prefeito Pete? Pode ser. Mas minha aposta hoje é de que Biden corre sério risco de ser apenas um hiato entre dois governos Trump. Somente freou o inevitável declínio da democracia americana.

Amizade de brasileira migra com haitiano aos EUA

Em troca de mensagens, professora de português acompanhou a perigosa jornada de ex-aluno para cruzar fronteira. ‘Obrigado por pensar em mim’, disse o migrante, que pediu asilo depois de conseguir entrar em solo americano

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

“Senhora Christina, estou a caminho, chego na Bolívia ao meio-dia.” O texto curto, escrito em francês, marcou o início de um longo caminho para o haitiano Cliforde, de 26 anos, até os Estados Unidos. Enviada em maio, a mensagem foi a primeira de uma série destinada a Christina Magalhães, de 53 anos, professora de português com quem ele teve aulas na Casa do Migrante, na Missão Paz, em São Paulo.

À distância, Christina acompanhou cada passo do aluno. A história de Cliforde, que prefere ser mencionado apenas pelo primeiro nome, é parecida com a de milhares de haitianos que chegaram à fronteira dos EUA nos últimos dias. Só que nessa, além das expectativas e perigos, a amizade também acompanhou o caminho.

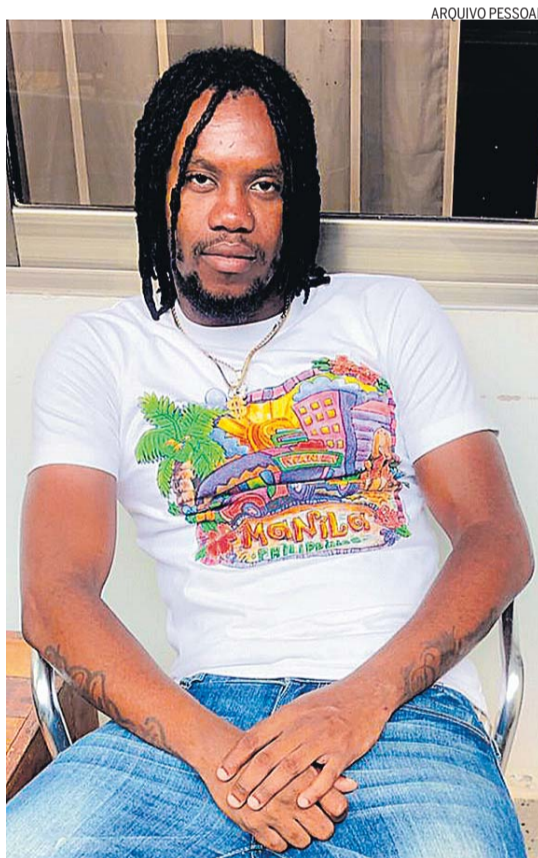
Desde o primeiro contato, foram mensagens quase diárias, quando a internet e o trajeto permitiam. “Obrigado por pensar em mim”, escreveu Cliforde, na passagem para o Peru.

—Acabamos criando um vínculo — conta Christina. — Ele estava sempre sorrindo, com a máscara caindo no queixo. Não parecia ter muita vontade de aprender português, mas não me irritava, queria que ele aprendesse algo para se virar aqui, conseguir trabalho. Despertou meu lado materno.

Christina e Cliforde se conheceram em janeiro. Àquela altura, com um suposto arrefecimento da pandemia, as aulas de português na Missão Paz eram presenciais. O aluno sorridente, que cantava muito bem e jogava bola, cativou a professora. Em março, com os casos de Covid voltando a subir, os encontros passaram



DANIEL ARATANGY/ACERVO MISSÃO PAZ/7-10-2020



ARQUIVO PESSOAL

Vínculo. Christina Magalhães, de 53 anos, professora na Missão Paz: ‘Despertou meu lado materno’

Fuga. História de Cliforde, de 26 anos, é parecida com a de milhares de haitianos que tentam migrar aos EUA

a ser online. Mesmo assim, Cliforde não perdia aula. Mas, em uma, não apareceu.

— Liguei, e ele disse que não podia falar. Aí me mandou uma série de fotos e víde-

os, de amigos que tinham sido mortos no Haiti. Foi muito forte, e ele disse que não tinha condições de ter aula naquele dia. Sumiu por duas semanas. Ficou trauma-

tizado — lembra Christina. As aulas seguiram online por mais algum tempo. Cliforde comentava que não se encaixava no Brasil, que tinha que ir para os Estados Unidos, precisava “melhorar de vida”. “Vou de ônibus em ônibus, de país em país”, escreveu à professora. E foi.

PASSO A PASSO

“Agora estou no Peru. Saio amanhã em direção ao Equador”, disse em outra mensagem, no início de junho. Contou que estava em um grupo com mais 24 haitianos.

Dias depois, avisou que ficaria sem sinal: “Agora estou na Colômbia. Depois vamos andar quatro dias a pé pela floresta. Para pegar um barco e entrar no Panamá. Muito difícil. Mas, graças a Deus, estou bem”, avisou.

Cliforde passou por Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala antes de chegar ao México. No Sul do país, disse a Ch-

ristina que conseguira tirar documentos e buscar trabalho. Juntou o suficiente para seguir na parte mais difícil da viagem, a chegada até a fronteira americana.

— Ele dizia que ia ser perigoso, mas que Deus ia ajudar. Agradecia também que eu pensasse nele — lembra Christina. — De alguma maneira, me sentia um pouco responsável por ele.

Em 31 de agosto, Cliforde contou que estava na fronteira. “Muita gente está sendo deportada”, escreveu Christina, preocupada. Cliforde não respondeu. Dias depois, mandou uma mensagem curta: “Quando chegar aos Estados Unidos, vou conversar com você.”

— Fiquei ansiosa. No dia 24 agora ele disse que tinha conseguido entrar. E que ia descansar, esperar um pouco para procurar emprego. Confirmou que estava um caos, todos sendo deportados — conta.

O GLOBO conseguiu con-

tato com Cliforde por mensagem. Ele diz que está na casa de amigos, com um primo, também haitiano. Relata que entrou com um pedido de asilo, com a ajuda de um advogado. Conseguir um visto talvez seja tão difícil quanto o caminho que o levou até lá. “Estou bem, em segurança. Vejo que as autoridades americanas deportaram muitos haitianos e isso me dói”, afirmou por WhatsApp.

Órfão de pai e mãe, Cliforde conta que tem poucos amigos na capital haitiana, onde nasceu. Saiu de lá em novembro do ano passado. Passou por Suriname, Guiana Francesa, depois Macapá e então São Paulo, onde morou por três meses, na Casa do Migrante. “Foi difícil quando eu cheguei ao Brasil, não consegui tirar documentos para trabalhar. Falei com amigos nos Estados Unidos e eles me disseram que me ajudariam a chegar”, conta. “No Brasil, foi difícil a cultura, a língua, tudo era diferente”, acrescenta o haitiano, que fala inglês e espanhol.

Na última fase do trajeto, no México, Cliforde diz que aguardou dias na fronteira com Del Rio, usada por muitos haitianos para cruzarem para os EUA. A essa altura, apenas seis do grupo passaram. “Havia muitas crianças, muitas ficaram no México com os pais”, conta.

Cliforde deixou um filho no Haiti, de sete meses, que não chegou a conhecer pessoalmente. “Meu sonho é trazê-lo aos Estados Unidos”, diz. Músico, conta que gosta de rap, R&B e “de cantar músicas de amor”, e que gostaria de fazer carreira por lá.

Enquanto isso, Cliforde continua se comunicando com Christina. “Ela é uma pessoa boa, me motiva e sempre me dá conselhos. É uma segunda mãe para mim.”

EUA aumentam de 1 para 2 os voos semanais de deportação de brasileiros

BRASÍLIA

A partir do início de outubro, dois voos semanais sairão dos EUA em direção ao Brasil, trazendo brasileiros que foram deportados depois de entrarem irregu-

larmente naquele país. Atualmente, a frequência dos voos é de um por semana.

A informação foi publicada primeiro pela Folha de S. Paulo, segundo a qual os EUA pediram para fazer três voos semanais. O Ita-

maraty informou ao GLOBO que o governo consentiu, “em caráter temporário e condicional”, com o aumento para dois.

O ministério afirmou ter expressado preocupação com o tratamento recebido

por esses cidadãos, como o uso de algemas nos voos, e disse ter pedido que ele seja revisto. “O governo brasileiro acompanhará os desdobramentos, com vistas a assegurar que aos cidadãos brasileiros deportados seja esten-

dido tratamento digno”, afirmou o Itamaraty. A pasta ressaltou que os brasileiros a serem deportados estão detidos, com ordem definitiva de repatriação e sem perspectiva de recuperarem a liberdade nos EUA.

Somente neste ano, 47.484 brasileiros foram detidos tentando entrar em território americano sem documento, segundo o Departamento de Segurança Interna dos EUA. O aumento foi de 400% em relação ao ano passado, quando 9.147 foram presos. Em agosto, 9.231 foram flagrados, mais do que em todo o ano de 2020.